

O que é ser criança diante de Deus?

Que atitudes implica a filialidade? Parece-me parece que são, fundamentalmente, três atitudes frente ao Pai: confiança, obediência e entrega filial.

1. A confiança filial. Deus é um Pai todo poderoso. Esta afirmação teológica desperta em mim, a atitude de confiança. É a experiência da criança que sabe confiar cegamente em seus padres. E o faz instintivamente, sem muita reflexão; é sua experiência original. Por isso se sente tão seguro e querido e vive tranquilo e feliz sua vida.

O que numa criança é espontâneo, nós, os adultos, temos de reconquistar se queremos ter alma de criança. O que a criança pressupõe de seus pais naturais, o homem filial o reconhece no Pai celestial. Por isso, o Padre Fundador procura conduzir-nos à confiança filial: “Meu esforço pessoal, com respeito a toda a Família, é que cheguemos a ser heróis da confiança”.

Ele costuma ilustrar esta confiança heróica com a imagem do filho do marinheiro. Este, mesmo tendo consciência do perigo em alto mar, não se desespera, permanece tranquilo, porque sabe que seu padre está no timão. É esta convicção a que temos de reconquistar: “O Pai tem em suas mãos o timão, mesmo que não saiba o destino nem a rota” (HP, 399). Quando assim entregamos a Deus Pai a condução de nossa vida, então renasce a segurança existencial. É a “segurança do pendulo” que permanece firmemente agarrado desde o alto.

O Pai é a rocha inamovível, a tranquilidade do filho, em meio dos vaivens da vida. “A criança tudo vence mediante a confiança” (Deus meu Pai, 223), afirma o Padre Fundador.

A infância espiritual consiste, neste contexto, numa fé simples na Divina Providencia que nos faz ver presente, atrás de todos os acontecimentos da vida, uma mão paternal e bondosa. Filialidade não é evasão de responsabilidades, se não protagonismo histórico e criador. É compartilhar responsabilidades com o Pai, lutar por um mundo digno de Ele.

2. A obediência filial. A verdadeira filialidade é, em segundo lugar, docilidade, submissão à vontade de Deus, **obediência** ao Pai. A partir de Jesus e seguindo seus sinais, “o homem filial sabe que sua obra é grande só na medida em que corresponde ao desejo do Pai” (Deus meu Pai, 319).

É perguntá-lhe, em cada caso: Pai, o que te agrada mais? A obediência confere a infância espiritual, vitalidade e heroísmo; a faz exigente e educadora. Porque a verdadeira imagem do Pai inclui não apenas bondade, se não também força. Deus Pai pode nos causar dor, para assemelhar-nos mais a seu Filho Unigênito. Mas é sempre o amor que o impulsiona a impor-nos severas exigências.

3. O amor filial. “Os santos - afirma o Padre Kantenich - se fizeram santos a partir do momento em que começaram a amar, e começaram a amar só quando acreditaram, souberam e se sentiram amados por Deus” (Deus meu Pai, 248).

Nosso amor há de voltar a ser como o amor das crianças. **Devemos deixar de lado nossos enredos e complicações de adultos e aprender a amar com simplicidade.** Devemos tirar nossas máscaras de falsa grandeza e auto-suficiência e nos entregar com humildade sincera. Devemos passar de um amor racional e calculista a um amor espontâneo e cálido. Esta simplicidade, autenticidade e espontaneidade na entrega, cativam o amor do Pai e o atraem irresistivelmente.

Por isso há de crescer e purificar-se nosso amor. O amor primitivo gira em torno ao próprio eu e seus interesses. O amor filial maduro gira em torno ao Pai e sua vontade. E isso requer uma permanente auto-educação, uma luta diária constante, de renúncias e entregas heróicas. Mas sabemos que é o único caminho para mudar e tornarmos crianças, e assim poder entrar no Reino do Pai eterno.

Se deseja comentar o texto ou dar seu testemunho, escreva para pn.reflexiones@gmail.com

Tradução: Lena Barros de Ortiz. União de Famílias no Paraguay